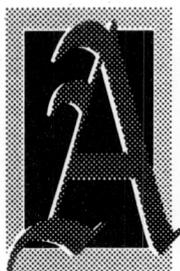


O HOMEM QUE DANÇA...

Fátima C. do Valle Leitão*
Iracema Soares de Sousa**

1. Introdução



firmitativas como: “o homem não chora; o homem não sente dor; o homem é dominante, racional; a mulher é submissa, frágil, intuitiva,” entre outras afirmações, nos fazem refletir e questionar muito sobre os problemas de preconceitos, discriminações e, conseqüentemente, sobre muitas injustiças existentes em vários setores da sociedade.

Até que ponto são verdadeiras estas afirmações?

São embasadas em que valores?

É um assunto muito extenso, complexo e, até mesmo, ilimitado.

Sendo assim, para delimitarmos este trabalho, trataremos do preconceito sob o aspecto do homem que dança.

Mesmo com todo o “*progresso e avanço*” do nosso tempo, muitos de

nossos modos de agir e pensar, ainda tem raízes num passado conservador e, por sua vez, retrógrado e antigo.

Acreditamos existirem, ainda, pessoas com concepções, como por exemplo, “*a menina nasce para bailar, ser dócil, ser doméstica e o homem para jogar, trabalhar e endurecer,*” e ainda “...se meu filho for bailarino eu o deserto”. Colocamos aspectos fortes, porque existem e predominam, até nossos dias, influenciando as pessoas, cada vez mais, a pensarem e agirem desta forma e sequer procuram saber as razões que as fazem pensar-agir assim.

O objetivo deste estudo é procurar identificar a possível existência dos preconceitos e as justificativas em relação ao homem que se propõe ao ato de dançar e, inclusive, comprovar que não se restringe apenas ao sexo feminino.

Através dos primórdios históricos e culturais da dança, pudemos constatar que esta não era função ou ação absoluta do sexo feminino. Com sua evolução, porém, evoluíram também comportamen-

* Trabalho de iniciação científica do Curso de Licenciatura em Educação Física, apresentado na disciplina “Metodologia do ensino da dança”/RDP/CDS/UFSC.

** Prof. do RDP/CDS/UFSC e orientadora deste Trabalho.

tos sociais que, de alguma forma, podem ter condicionado certos valores que alicerçaram o que temos hoje, em termos de cultura ocidental.

É necessário, também, esclarecer as singularidades, como as sensibilidades próprias que estão presentes nos indivíduos, tanto do sexo masculino como no feminino, membros integrantes de uma sociedade, não como diferenciações ou desigualdades, mas como afirmações relacionadas às virtudes de cada um.

As diferenças existem, biológica e anatomicamente, porém, não é por isso que deve haver segregação do crescimento e conhecimento que ambos podem ter em comum quanto ao universo do qual pertencem. Faz-se necessário colocar, também, alguns aspectos que se referem a escola como sustentadora desta segregação.

Se tratarmos de privilegiar as desigualdades apenas, promoveremos assim o abandono da expressão, da emoção, da sensibilidade e, até mesmo, das ações. Por outro lado, se tratarmos apenas das igualdades, desprezaremos as singularidades e particularidades.

Em face dos conceitos que predominam em nossa sociedade quanto à estipular papéis ou funções diferenciadas para homens e mulheres, nos deparamos com a problemática dos preconceitos, os criamos em relação ao trabalho, à profissão ou às nossas atitudes e também em relação à dança que é nosso tema de estudo.

Em relação à dança, por exemplo, o preconceito contradiz os seus objetivos, ou seja, proporcionar a liberdade de ex-

pressar as diferenças, as individualidades, unir o corpo, espírito e coração, estimular a comunicação, os sentimentos, o ritmo, sociabilizando e integrando o ser humano de forma emancipadora. Enfim, seu campo abrangente que é ilimitado, torna-se restrito a privilégios de uns, enquanto deveria ser tratada e desenvolvida como forma de movimento universal, com sua linguagem corporal, criativa e múltipla.

2 - Partindo da História da Dança pelo Mundo, com sua Evolução até os nossos Dias

A própria palavra dança, em todas as línguas européias - danza, dance, tanz - deriva da raiz "tan" que em sânscrito significa "tensão".¹

Para Garaudy (1980, p.14) "*dançar é vivenciar e exprimir com o máximo de intensidade a relação do homem com a natureza, com a sociedade, com o futuro e com seus deuses.*"²

Segundo Nanni (1995, p.05), a dança, sob o prisma de Ourkheim, "*é um dos universais da cultura. Delineada por simbologias diversas é através dos movimentos rítmicos que a ciência tem decifrado alguns dos mistérios da história da humanidade.*"

A dança surgiu através dos gestos e movimentos que, com expressão e sentido, supriam as necessidades do homem primitivo de exaurir as emoções, os sentimentos, além de agradecer, suplicar a seus Deuses, a sua sobrevivência.

Ainda para Nanni (1995, p.14),

*“o movimento em sua gênese, se caracterizou em caráter puramente emocional - permitir ao homem ter experiências de êxtase e comunhão com os Deuses em suas danças onde a essência das mesmas possibilitou a comunicação do homem consigo ou com suas entidades superiores”.*³

Para o ser humano primitivo, a dança era o elo de comunicação com seus Deuses, para acalmá-los ou para homenageá-los. Desta forma, este elo gerou o que chamamos de dança ritual, e este mostra-se desde então, um ser místico.

Como nos diz Ramos (apud Nanni, 1995, p.14), sobre as danças rituais,

“...as sociedades primitivas viviam aterrorizadas por tudo que as cercava, considerando a sua sobrevivência como favor dos Deuses, dando à sua vida conseguinte um sentido ritual de várias formas, que empregando a dança, manifestava seu misticismo”.

No entanto, com o decorrer da evolução dos povos, das crenças místicas e mitos, surge através do ato voluntário, do gesto ritmado, da cadência, a transformação do ser humano-indivíduo, em ser coletivo, que buscava a sintonia com seu viver próprio, com seu ritmo biológico, com sua essência.

Garaudy (1980) narra, de forma belíssima e contagiante, alguns trechos que retratam essa busca do ser humano pelo gesto ritmado, a dança transcendendo a sua consciência, indo ao desco-

nhecido e, ainda, unificando o ser humano ao seu meio, ao seu grupo, ao seu corpo, ao seu espírito.

Eis alguns trechos:

*“...Atenas, quando esta não era mais que uma aldeia de agricultores e todo o trigo era trazido à praça para a debulha e as uvas para a pisa. Os cachos de uva eram acumulados em lugares (tanques onde se expremem as uvas), para serem esmagados com o pé. Para tornar-se mais eficaz e coordenado, os pisadores seguiam seu ritmo, formando uma ronda (dança de roda) acompanhada em versos por seus próprios cantos. Assim faziam até a ofuscação dos sentidos pela fadiga, quando entravam em transe e rodopiavam até a vertigem. Os outros aguardavam sentados para substituir os que estavam em ação e a população assistia em volta, formando várias rodas, participando dessas danças, desses cantos, dessa possessão”.*⁴

Desde a origem das sociedades é pelas danças e pelos cantos que o homem se afirma como membro de uma comunidade.(Garaudy, 1980).

Outro trecho diz que:

“...durante séculos, todas as vezes que cadenciamente marinheiros içavam a vela ou davam voltas ao cabrestante, que barqueiros sirgavam suas barcas ao longo dos rios, que ferreiros malhavam com o mesmo ritmo, o

mesmo ferro, a força do grupo, uma vez coordenada e ritmada, mostrava-se superior à soma das forças individuais dos participantes, gerando uma comunhão de ritmos, e uma cumplicidades entre esses homens".⁵

A dança pode propiciar esta transformação, impondo aos movimentos poderes que levam o ser humano a participar e a tomar parte de um caminho que ele não conhece, aproximando-os uns dos outros.

Seria interessante poder descrever aqui todos os trechos citados por Garaudy (1980), mas tornaria muito extenso e acabaria por desvincular a real atenção que pretendo dar aos mesmos. Porém, ainda há um trecho que trata da relação de vigor físico, masculinidade e homem guerreiro, conjugada ao sentido de dançar: nas danças das guerras descritas por Homero no canto XVII da *Iliada*, "... dançavam com a habilidade necessária para escapar dos golpes que poderiam os levar à morte ou não nos combates".⁶

A dança se fez presente através dos povos antigos, nos rituais, nas festas, nas colheitas e nas guerras. Fazia parte dos homens e das mulheres, sem distinção, da mesma forma que corpo e mente não se dissociavam.

Transcendia desde a alma, desde o maior dos sentimentos, o amor, até a plenitude, o transe, a experiência da carne, buscando a sensação de romper os próprios limites.

Porém, todos estes sentidos sofreram transformações, uma vez que as sociedades também se transformaram.

Na nossa história ocidental, a dança tomou outras características, deixando de ser a matriz da cultura para se tornar, sob alguns aspectos, decadente, trouxe aos nossos dias muito da repressão exercida no passado, transformando-se num "*academicismo e num virtuosismo*" sem nenhum significado humano. (Garaudy, 1980).

No séc. XV, o primeiro grande professor de dança da Itália foi Guglielmo Ebreo, que implantou o estilo, a elegância, a graça e a precisão que um bailarino deveria ter. Sua obra originou a criação do futuro balé.

No decorrer de sua história, a dança através do balé, se caracterizou pelos seus efeitos visuais, com movimentos acrobáticos, cada vez mais aperfeiçoados e, ainda, gestos leves, graciosos, procurando passar uma leveza que o povo, até então, não usufruía, pois a situação econômica era de crise.

Analisando esta história, foi no séc. XIX, que os homens, como bailarinos, tornaram-se bibelôs do palco, elevando as bailarinas as quais tornavam-se as estrelas.

A dança transforma-se, neste século (XIX), numa arte decorativa e sem emoção. Seguindo este raciocínio, acreditamos que os homens, ao fazerem o esforço de tornar seu gesto gracioso, leve, e assim parecido com o da bailarina deslumbrada, foram submetidos a estereotipar movimentos que diziam respeito a mesma.

Com isso, outros conceitos sobre a dança surgiram, como arte puramente visual, de belas e geométricas formas.

A sociedade que era patriarcal, com uma burguesia conservadora, pode ter

sido a responsável por criar ou sustentar o preconceito em relação ao homem bailarino.

A dança, pobre dança, tornou-se a espada de sua própria morte. Porém, nem tudo estava perdido. A dança, por ser arte, a expressão da vida, não poderia morrer, a não ser que todos morressem ou se tornassem máquinas.

Nijinski, o mais extraordinário bailarino clássico, consumiu sua vida na procura de algo de significativo para dizer e acabou mergulhando, antes dos 30 anos, na loucura e na morte, por não ter podido expressar nesta língua morta, a mensagem que transbordava em seu coração. (Garaudy, 1980)

Com um nova linguagem no sec. XX, principalmente após a 2a. guerra mundial, os bailarinos tinham a necessidade de exprimir seus sentimentos, sua época e a si mesmos. A mudança do século não poderia ser expressa através de uma linguagem fria, sem significado.

Surge a dança moderna e, posteriormente, o balé moderno, jazz, enfim outras danças que hoje tem grande ascendência, tentando revelar a realidade através da arte.

Nomes como Isadora Duncan, Ruth Saint-Dennis e Ted Shawn, Maurice Bejart, Rudolph Laban, conduziram suas artes para a evolução da criação artística, procurando harmonizar o ser humano com a sua natureza, com ele mesmo ou com sua sociedade. Recuperaram a dança, com dimensões reais, retomando o corpo unificado, a força, a expressão e a identidade. A dança reencontra a esperança, a vida coletiva, como de fato foi uma vez.

Os movimentos dos bailarinos tornaram-se amplos, devolvendo à dança sua força viril, exaltando a força criadora da fecundidade, tornando a sexualidade uma força integradora do homem em sua totalidade.

Com a busca da sensibilidade, do conhecimento do corpo, dos movimentos naturais e criativos, a dança pouco a pouco retoma sua força. *Que virá agora, neste conturbado final de século para nutri-la neste renascimento?*

Hoje, mesmo em uma sociedade dita moderna, os preconceitos ainda fazem parte da herança cultural adquirida em relação ao homem que dança.

2.1 - Analisando as Diferenças

Procuraremos, com este tópico, aclarar as idéias no que se refere a gênero humano, a sexo masculino e a sexo feminino, buscando traçar os perfis do homem e da mulher quanto à forma que são desenvolvidas suas sensibilidades, características, preferências, enfim, suas igualdades e desigualdades.

O sexo, de acordo com os sexólogos, é o conjunto de caracteres, estruturais e funcionais, segundo os quais um ser vivo é classificado quanto aos gêneros masculino e feminino, macho ou fêmea. A cada sexo, anatomicamente falando, corresponde determinada morfologia somática, genitália externa, gônadas e gametas e, também, características psicológicas e de comportamento específicos, moldados pela sociedade.

Os hormônios elaborados pelas gônadas, acentuam as diferenciações somáticas, contribuindo e reforçando o efeito sexualizante do meio social.

Anatomicamente as diferenças biológicas e funcionais existem, porém, não quer dizer que existam para afirmar as desigualdades ou traçar os critérios impostos pela sociedade que, muitas vezes, as impõem de forma discriminadora em relação ao gênero humano.

Estes critérios discriminatórios, em primeiro plano, levam a mulher a esconder-se, inferiorizar-se, sujeita à segregação do mundo masculino. Por outro lado, a segregação acontece também com o homem que, por sua racionalidade, muitas vezes, torna-se gerador de uma cultura equivocada e superficial. Uma vez superficial, sequer percebe a mutilação de suas emoções, sentimentos e expressões.

Para Soarese Goellner (1994, p.263),

"homens e mulheres em suas marcas inscritas na cultura, expressam vícios e virtudes do gênero humano; experimentam desejos, paixões, sentimentos, exercitam sua inteligência e suas linguagens, aprimoram ou embrutecem seus sentidos, desenvolvem ou mutilam sua sensibilidade e imaginação criadoras."

Os papéis e comportamentos, atribuídos universalmente no decorrer de tantas gerações, podem ter sido gerados pelas disfunções artificiais criadas pela cultura das diversas sociedades.

O assunto é gerador de análises, reflexões e, também, de muitas controvérsias e polêmicas. Por isso, acreditamos que, como futuros educadores, de-

vamos ter o conhecimento destas diferenças, singularidades e igualdades, para argumentarmos e esclarecermos, tanto aos pais como aos alunos, quão importante é, para o desenvolvimento total do potencial de movimento, a fluência natural, sem delimitações culturais dos papéis do gênero.

Gênero aqui, segundo Cardoso (1994, p.15) "*trata-se de construções simbólicas do feminino e masculino em nossa sociedade, sem desconsiderar as diferenças biológicas típicas de uma espécie dimórfica: o 'homo sapiens'*".

A escola exerce, também, influência na persuasão destes papéis e comportamentos, considerando que se iniciam na família e se estendem à escola e à sociedade.

Conforme a colocação de Romero (1994), na escola, meninos e meninas apresentam comportamentos diferentes, podendo até mesmo serem gratificados ou punidos segundo as suas atitudes. É importante observar que estes condicionantes são transmitidos de uma geração à outra e a escola atua reforçando estes estereótipos, inclusive, através da Educação Física.

O espaço das aulas de Educação Física pode ser utilizado para uma contribuição na transformação destes padrões estabelecidos. E a "*dança*", por ser um dos conteúdos culturais desta disciplina aplicada nas escolas, pode vir a ser um dos caminhos para a libertação do preconceito que a sociedade impõe, em relação ao menino, adolescente ou homem que dança.

2.2 - A Educação Implantada nas Aulas de Educação Física: Masculino X Feminino

A história da Educação física mostra que ela foi sempre discriminatória, mantendo os papéis sexuais distintos e determinados, caracterizando, deste modo, os comportamentos tipicamente femininos e masculinos (Cardoso, 1994, p.267).

Infelizmente, esta situação, hoje em dia, não mudou muito. Muitos professores de Educação Física ainda não conseguiram encontrar uma forma pedagógica de superar esta herança cultural. Uma das razões para as dificuldades de superar estes preconceitos está na separação dos sexos para a prática da Educação Física, pois há dificuldade de trabalhar ambos os sexos num só conjunto.

Temos uma educação que abastece os indivíduos do sexo masculino com valores artificiais, superficiais e materiais como: os fortes, os melhores, os duros, os bons de bola, etc. Talvez, por isso encontra-se homens sem consciência de como se expressar, conduzir ou administrar seus desejos e afetos (Nolasco, 1990). E, ainda por estas razões, estejam limitados ou bloqueados quando as atividades relacionadas à dança, ritmo e harmonia, lhes são solicitadas e suas atitudes são de negligências, uma vez que estas atividades podem vir a afetar sua identidade sexual ou masculinidade.

Segundo a teoria de Rudolph Laban, denominada a Dança Moderna Educacional, aplicada à educação de crianças ou adultos, baseia-se no princí-

pio de que todo o ser humano tem uma aptidão de experimentar, no contato com outras pessoas com objetos, ou com uma forma do seu corpo ou seus ritmos, um tipo especial de emoção, um prazer estético. Quando a criatividade ocorre, existe uma excitação física e emocional muito intensa, um sentimento de êxtase satisfatório ao artista criador.

Logo, são exploradas as singularidades, pois estas são as fontes inspiradoras do movimento próprio de cada um. Os alunos se baseiam em suas experiências e em imagens subjetivas, naquilo que está presente em seu pensamento, no mesmo momento em que criam. As individualidades, particularidades, deverão deixar de ser tratadas como desigualdades ou diferenças.

O homem como a mulher possuem a necessidade de equilibrar seu *IN* e *YANG*, com isso, um necessita das características do outro, para atingirem tal equilíbrio. O homem somente forte é desequilibrado, assim como a mulher essencialmente fraca também é.

De acordo com este pensamento, afirmamos que: o homem pode apropriar-se da sua força, do rendimento, do poder da luta (sentido literal), da mesma forma que se apropria da leveza, da sutileza, da expressão, da dança..

2.3 - A Formação, Identificação e Superação dos Preconceitos sob Ponto de Vista dos Homens que Dançam

Estas análises foram desenvolvidas através dos depoimentos de alguns

homens que dançam, podendo, então, constatar que os preconceitos são criados pela influência do meio em que vivem (sociedade).

Sem exceção, todos enfrentaram problemas discriminatórios quando resolveram viver na dança uma maneira saudável de lazer, de estudo ou de extravaso e, até mesmo, como profissão.

Um dos nossos entrevistados diz que *"a dança ainda é vista, por muitos, como uma função exclusiva de mulher"*. Para ele, o preconceito é muito grande, pois *"dificilmente vê rapazes procurarem academias para dançar. Situações difíceis foram encontradas até mesmo com seus amigos, pois os mesmos consideram que 'homem deve praticar esportes mais viris'"*.

Mesmo com isso, não se deixa levar e prossegue, pois gosta do que faz. Para ele, *"a dança deveria ser ensinada e vista como uma forma de diversão, relaxamento e ainda para perder a timidez e, também, por ser uma forma de aprender sobre cultura e costumes de outros países"*.

Já, um segundo entrevistado afirma, que o preconceito da dança surge da falta de consciência que as pessoas têm em relação ao ato de dançar *"...o corpo todo trabalha, além de interar-se com os limites e as potencialidades. A dança expressa liberdade e nem todas as pessoas observam isso. A dança é a expressão da alma e esse tipo de coisa parece que não tem valor."* O mesmo dança e joga volei, mas é discriminado, quando diz que dança, por outro lado, quando joga volei, tudo está perfeito.

A história da dança, de um terceiro entrevistado, começou quando arrumou

uma namorada bailarina e ele era lutador de Taekwondo. Considerava-se duro para qualquer tipo de dança e tinha o preconceito que dançar era coisa de ...

Porém, mal sabia que um dia, essa expressão do corpo em forma de movimento que chamamos de dança, lhe pegaria de surpresa. Foi contagiado pela arte e hoje gosta e *"muito"* de dançar.

Para este, foi preciso rever e analisar seus conceitos e preconceitos. Não foi fácil, pois a cultura a qual fora criado talhou os homens de acordo com todos seus princípios e padrões estabelecidos pela sociedade. Enfrentou um desafio com a família, principalmente com o pai. Os amigos também participaram deste desafio, discriminando-o. Mas, mesmo assim, ele se sente feliz, realizado e consciente do que ainda irá passar. Acredita que uma mudança ainda poderá vir. Espera que as pessoas passem a analisar a situação, vivendo mais a dança, tirando as máscaras que regem esta sociedade machista, buscando sentimentos e procurando se conhecerem melhor.

No aspecto profissional sabemos que, mesmo os bailarinos do Balé Municipal do Rio de Janeiro, sofrem, além do preconceito geral, da má remuneração dos seus trabalhos.

Serão como escravos? Da dança ou do sistema implantado pela sociedade?

Vimos assim que o preconceito está presente nas várias situações de convívio social, como por exemplo: no círculo de amigos, todos com discursos modernos, pensamentos modernos, porém, que guardam numa redoma os pensamentos velhos e as idéias ultrapassadas.

Todos estes preconceitos e imposições tornam a sociedade taxativa, *o homem não pode dançar* porque é coisa de mulher, porque o salário é insustentável, porque a família não apoia ou, ainda, por não conseguirem se desprender dessas amarras.

Esta concepção, estes preconceitos devem ser combatidos por serem conservadores e por não se desvincularem de um contexto ultrapassado. É necessário a sua superação.

É preciso manifestar a dança sob todos os seus aspectos educativos, criativos e libertadores. Concordo com Kunz (1994), quando afirma ser a dança uma das manifestações da cultura do movimento mais importante e relevante em todo o mundo.

A dança na escola, nas aulas de Educação Física, poderá contribuir, e muito, para a interação de homens e mulheres, os quais poderão viver com suas diferenças sem anular suas singularidades, tornando-se pessoas inteiras e de livre expressão.

Notas

- ¹ Garaudy, Roger. Dançar a vida, pág. 14, 1980.
- ² Ibid idem
- ³ Nanni, Dionísia. Dança Educação, pág. 14, 1995.
- ⁴ Garaudy, Roger. Dançar a Vida, pág. 17, 1980.
- ⁵ Idem, pág. 19.
- ⁶ Ibid Idem.
- ⁷ Ibid idem

Bibliografia

- CARDOSO, Fernando Luiz. "O gênero e o movimento humano", Revista Brasileira de Ciências do esporte. v. 15 (3), 1994.
- CHAGAS, Eliane. "Educação Física: Escola de ... Formação do Corpo Feminino". Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 15 (03), 1994.
- FREIRE, J.B. Educação de corpo inteiro. São Paulo : Scipione, 1989.
- GARAUDY, Roger. Dançar a vida. São Paulo : Nova Fronteira, 1980
- KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí : Ed. Unijuí, 1994.
- LABAN, Rudolph. Domínio do movimento. São Paulo : Summus, 1978.
- LIMA, Maristela Moura Silva. "A teoria de Rudolph Laban na Universidade". Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 13 (02), 1994.
- MONTADON, Isabel. Educação Física e Esporte nas escolas de 1º e 2º graus. Belo Horizonte, 1992.
- NANNI, Dionísia. *Dança Educação princípios, métodos e técnicas*. Rio de Janeiro : Ed. Sprint, 1995.
- PORTO, Eline Tereza Rozante. "A dança na idade pré-escolar". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 14 no1 - 1992
- ROMERO, Elaine. "A educação física a serviço da ideologia sexista". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 15 (3), 1994.

- ROMERO, Elaine. "Diferenças entre meninos e meninas quanto aos estereótipos: Contribuição para uma Política de Desmitificação". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 14(1), 1994.
- SOARES, Carmen Lúcia & GOLLENER, Silvana Vilodre. "O elogio à diferença". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 15(3), 1994.
- SARAIVA KUNZ, M. do C. *Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da Educação Física*. UFSC, Centro de Ciências da Educação, 1993.
- TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. "A mulher no esporte: o Espaço social das Práticas Esportivas e de Produção do Conhecimento Científico". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 15(3), 1994.

segunda metade (1992-1994) foi
 mação significa "participação com o indivíduo e a mulher, respeito às práticas e aos comportamentos de rotina", mas também se abriu ao outro, procurando ver tudo com olhos sempre novos, tentando assim, sensibilidade e tato para perceber o que acontece no cotidiano. Segundo o autor, diz-se que as formalidades para essa formação se dá de acordo com a especificidade de cada profissão, no sentido político e no direcionamento teórico-prático, que levam a uma atuação profissional mais concreta.

Este sentido, compatível à educação em certas condições necessárias para a obtenção de uma formação intencional, vinculada a certas especificidades de cada profissão, sem esquecer de todas as dimensões da vida humana. Com esse intuito, cabe à educação organizar espaço físico, tempo, formas e conteúdos para que esta formação se concretize, através do acesso e participação reflexiva dos indivíduos.

A Formação Profissional e Participação Reflexiva dos Indivíduos

em nossa sociedade atual, podemos notar um crescimento das complexidades do exercício das profissões, exigindo desta forma, uma formação profissional específica para suportar tal possibilidade. Deconstruindo este dado, o indivíduo começa a perceber que a profissão não é somente uma atividade ocupacional, onde ele irá cumprir seus horários, suas obrigações, mas no cotidiano, deve ser encarada como um compromisso social onde o indivíduo e a profissão estão inseridos num contexto político da sociedade em que se encontram, exigindo uma formação teórico-científica especializada para alcançar uma qualificação necessária para o exercício de determinada profissão.

* Este artigo foi recebido no Núcleo de Apoio à Pesquisa em Educação Física da UFSC, em forma de trabalho investigatório, sendo portanto, parte integrante de um tema maior que foi "A Formação do Profissional de Educação Física na Comunidade Escolar", defendida em julho de 1992.

** Localizada em Educação Física pela UFSC, atualmente, prof. da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC.